

Infidelidade elegeu Tancredo

As ameaças de expulsão de filiados de um partido que apóiam candidatos de outro são tão freqüentes quanto ineficazes na história política recente do País. Em 84, elas tiveram um gosto de drama, quando os malufistas tentaram um aval da Justiça Eleitoral não apenas para expulsar os políticos que aderiam à candidatura Tancredo Neves, mas também para cassar seus mandatos. Fracassaram. A dissidência do PDS criou, então, a Frente Liberal e assegurou no Colégio Eleitoral a escolha de Tancredo Neves.

A fidelidade partidária, instrumento que o regime militar

criou para evitar qualquer risco de desobediência da dócil Arena, perdeu, então, qualquer eficácia. Na época, o PMDB saudou a decisão do Tribunal Superior Eleitoral como uma vitória da democracia. Hoje, quando a candidatura do deputado Ulysses Guimarães encontra sérias dificuldades internas no partido devido a seus baixos índices nas pesquisas de opinião pública, parte de dirigentes do próprio PMDB a proposta de expulsão dos infiéis.

As dissidências no PMDB nas últimas eleições, porém, foram freqüentes. Na primeira eleição da chamada Nova República, a ala progressista do partido no Rio

de Janeiro não apoiou o candidato oficial Jorge Leite, descarregando abertamente seus votos em Saturnino Braga e Marcelo Cerqueira, candidatos do PDT e do PSB. Em Recife, o presidente nacional do PMDB, Jarbas Vasconcelos, transferiu-se provisoriamente para o PSB para receber os votos da ala progressista do seu antigo e atual partido. O candidato do PMDB, Sérgio Murilo, perdeu a eleição.

Em 86, o atual prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, então no PMDB, liderou a dissidência e a campanha contra o candidato do seu partido, Newton Cardoso. (Andrei Meirelles)